

Uma história da aids no Brasil

Marcos Visnadi

Uma história da aids no Brasil¹

Marcos Visnadi²

Bendito seja do Senhor, que ainda não tem
deixado a sua beneficência nem para com os
vivos nem para com os mortos.
– *O Livro de Rute, capítulo 2, versículo 20*

Quem sai aos seus não degenera.
– *Ditado popular*

1

Quando a tia Rute nasceu, não era nem tia nem Rute, nem mulher nem gente ela era, embora rápido a gente se torne: homem, mulher, raramente alguma coisa além disso, e gente e parente e o próprio nome, e passe o resto da vida se encaixando ou se desencaixando do que vaticinaram quando a gente entre gritos e sangue e fezes nasceu. Minha bisavó teve filhas até não mais poder, provavelmente entre os anos 20 e 40 do século passado, ou seja: faz tempo. Tia Rute foi a última, a caçula, a mais próxima, e mesmo assim não sobrou muita coisa. Será que ela também teve filhas espalhadas por aí? Não se sabe. Eu, pelo menos, não sei quase nada dela. Mesmo entre as histórias da família, a dela é a mais calada: era um tempo e uma classe social sem documentos. Aos tropeços, minha vó veio dar em mim. A tia Rute também. Mas foi dar em outras partes.

2

Todas as irmãs da minha vó foram putas. Todas menos uma, de quem se dizia: mas foi quase. Vovó tinha um pudor que só se pode explicar por metafísica, se algum dia alguém a chamou de puta acertou no gênero, mas errou na profissão. Foi pedinte, babá, empregada doméstica, operária de fábrica e se aposentou como esposa aos vinte e poucos anos, vivendo depois disso uma vida longa e acidentada. Era uma mulher notável, mas este texto não é sobre ela. Só quero te dar um contexto. Minha vó nasceu retirante entre Minas e São Paulo em 1935. Uns anos depois, não sei quantos, nasceu tia Rute, provavelmente já em Bragança Paulista, chuto 1940 e algo. O homem e a mulher e a penca de quinze filhas mais ou menos se instalaram na Rua dos Porcos, como era chamada. Diz que se um casal tem sete filhos, o do meio é lobisomem. Se sete filhas, todas elas são putas.

1 Este texto foi comissionado pelo Instituto Temporário de Pesquisa sobre Censura, projeto da Casa 1, para a exposição *Orgulho e Resistências: LGBT na Ditadura em exibição no Memorial da Resistência de São Paulo*. Foi desenvolvido por Marcos Visnadi em janeiro de 2021 a partir do eixo “Conquistas e Desafios” da mostra. Para mais informações: <https://institutotemporario.casaum.org>

2 Marcos Visnadi nasceu em Jundiá em 1984, vive e escreve em São Paulo. Participou da antologia *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids* (ed. Bazar do Tempo, 2018) e é autor de *Cordel de plantas ordinárias* (ed. Três Quinas, 2015) e *Se ficar muito difícil* (ed. Ruminante, 2021, no prelo).

X

Esta história interessa tanto quanto qualquer outra. É a que eu tenho pra contar, então peço um pouco de paciência se ela não te agrada. Podia ser uma história sua, quem sabe um dia seja. Janeiro de 2021, quase 8 bilhões de pessoas no planeta. Um site diz que já viveram na Terra 108 bilhões de pessoas. Já viveram, já morreram. As pessoas não param de nascer. E morrem – várias vezes.

3

O Censo de 1940 encontrou 52.217 pessoas vivendo em Bragança. Os homens foram virando várias coisas. O que não se sustentava morreu em hospital psiquiátrico. As mulheres, todas se sustentaram até morrerem como esposas. Menos tia Rute. Vovó dizia que elas iam pra casa de má fama da cidade, talvez de luz vermelha, onde uma cafetina acolhia e ensinava o ofício. As meninas chegavam lá com uns doze anos, talvez, pois meninas são mulheres em qualquer idade e invariavelmente putas. É sempre culpa delas. As outras irmãs casaram com clientes ainda na adolescência. Uma delas casou com um espanhol. Todos eles devem ter comido tia Rute. Mas, que eu saiba, ela não casou.

4

Uma menina de doze anos da Rua dos Porcos de Bragança em 1952. Pobre, razoavelmente branca, ela briga em casa ou só por fome vai bater na porta no fim de um longo corredor quase sem portas. Uma mulher velha, de uns quarenta anos, atende maquiada com um cigarro na boca. Examina a menina de cima a baixo, frente e verso, aperta o braço magro dela, pergunta se é virgem e fala: entra. Manda se lavar, empresta um vestido de uma menina que casou ou morreu e deixou o vestido lá, assombrado, manda que espere no quarto e não tarda chega o primeiro cliente. Menina, mulher, tanto faz.

5

A única foto que conheço da tia Rute é uma preto e branco do que provavelmente seja o começo dos anos 1960. Me impressionava porque parecia coisa tirada de filme velho e estrangeiro: uma moça magrinha de saia rodada ao lado de um rapagão de topete e jaqueta de couro, um tipo Marlon Brando, do lado de um calhambeque bi-bi. “Algum namorado dela”, me responderam, quando perguntei quem era o moço da foto. Ali tive inveja da tia Rute. Que eu me lembre, ela sorria. E o moço era muito bonito.

6

Imagino ela como um espírito livre e um corpo que acompanhava. Pra ter saído do radar da família é porque ela não cabia, ou a família não cabia nela, e ela não devia caber em Bragança tampouco. A vida desviada vai dar aonde der, a metrópole atrai a gente pra longe do olhar feio da boa vizinhança, as esposas rancorosas e os maridos violentos que à noite vão bater na porta vermelha, mais uma entre as muitas portas dos corredores que eles andam. Jogam pedra em você, jogam bosta em você, tia

Rute deve ter entrado no trem ou no ônibus ou no carro de algum namorado e se mandado pra São Paulo com um sorriso ainda maior, maior de idade e com toda uma vida pra trás, outra vida inteira pela frente, até onde alcança a gente vai, horizonte é uma beleza.

7

Imagino chegar em São Paulo com terra vermelha no sapato e uma mala pequena com algumas pulgas no começo dos anos 1960. Talvez por notícia que chegasse em Bragança, talvez por tentativa e erro, ela pode ter ido dar em algum puteiro da Boca do Lixo – um colchão ensebado num quartinho com mais cinco meninas e cheiro de carne nova penetrando os bueiros das ruas Aurora, Vitória, a rua dos Protestantes. Ou tenho amor demais à sujeira e deveria estar imaginando jet sets e Terraço Itália, tia Rute com as mais finas sedas e riquezas nojentos mas riquezas se perfazendo nela, estupros abortos orgasmos, diamantes ou frieiras? Será que ela sonhou com casamento e se casou com um benfeitor, e o marido morreu num trágico acidente que a fez beber toda a fortuna e voltar desiludida para a perdição da vida?

8

Será que ela entrou pra luta armada? Será que deu pra guerrilheiro ou pra torturador? Tia Rute foi presa nos camburões do delegado Richetti e também teve os seios presos em gavetas e cacetetes enfiados na garganta? Será que gostava de viados ou achava eles indecentes? Será que era amiga das travestis ou dedurava elas pra polícia? Foi puta profissional todo esse tempo, percorrendo bares e ruas por três décadas de ditadura no Brasil? Foi vendedora em loja de aviamentos, aprendeu guarani, gostava de cozinhar? Saiu do país e foi viver na Argentina, na Itália, no Japão? Saiu de São Paulo e foi viver no Rio, em Belo Horizonte, em Belém? Foi sempre estrangeira moabita durante a vida? Foi bondosa e maldita? Dava por vontade e por dinheiro? Quando soube que era minha tia?

9

Conheci tia Rute quando eu era bem criança, tanto que quase não lembro, na virada pros anos 1990. Um dia ela apareceu na casa dos meus avós, onde meu irmão e eu passávamos os dias, e virou uma surpresa querida. Não sei por quanto tempo ficou hospedada lá, talvez umas semanas. O suficiente para virar tia Rute e me encantar sei lá por quê, talvez por histórias que contasse, nem imagino quais. Será que eu no colo dela ouvia dizer de dragões e dinossauros, cafetinas e delegados, Jesus e os diabos? Só lembro que ela tinha cabelo preto e cara de velha, o que indicava tintura, coisa que nenhuma das minhas avós fazia. E que ela tomava Biotônico Fontoura, coisa que eu achava muito chique e gostosa, porque aparecia na televisão. Um dia perguntei se eu podia experimentar e ela disse que não, criança não podia. Conformado, e confiando nela, não insisti, não fiquei triste e não tomei escondido. Até hoje imagino qual será o gosto desse líquido escuro que faz as pessoas pularem de saúde e alegria.

10

Um dia, sem motivo e sem se despedir, tia Rute sumiu. Devo ter ficado triste, mas a vida era uma novidade e passaram-se anos. Uma noite, meio dormindo no banco de trás do carro quando voltávamos de viagem, passando por Itu, ouvi minha mãe comentar: foi aqui que tia Rute morreu.

11

Anos depois ela ia me corrigir: não foi no interior de São Paulo, e sim na capital do Rio de Janeiro. Talvez eu tenha sonhado ou entendido Itu errado. Mas foi de aids, isso entendi direito. E também o motivo do sumiço: parece que tia Rute tinha aparecido pra morar um tempo na casa da irmã e do cunhado, meus avós, e tudo deu certo até que deu ruim: ela quis ir pra igreja de minissaia e meu vô não deixou. Eles brigaram. Imagino tia Rute batendo a porta inconformada, do mesmo jeito que eu faria uns anos depois quando não me deixaram ir de boné na igreja. Deus é implacável com os detalhes. Deus não gosta de quem veste errado, tanto quanto não gosta de espíritos livres e corpos que acompanham. Deus definitivamente não gostava da tia Rute. Então ela vestiu a minissaia, pegou mala, cuia e Biotônico Fontoura e foi pra rodoviária, que é outro tipo de igreja. Exílio. Êxodo.

12

Não sei se ela disse pra alguém que estava com aids. Se sabia, ou mesmo se já tinha contraído o vírus. Se a visita à irmã foi casual, se foi caso de uma mulher envelhecendo e querendo encontrar o passado; se foi uma pessoa que, tendo recebido o diagnóstico da morte se aproximando, procurou um lar pra dizer tchau. Se ela queria ser cuidada, se distrair, se aposentar. Se ela gostava de ser puta e voltou pro prazer, se não tinha opção, como foi parar no Rio de Janeiro. Se morreu na rua, semi-indigente, ou cercada de pessoas – se queridas, se desconhecidas, se impacientes. De que jeito a aids pegou nela: se na pele, no bucho, na diarreia, na pneumonia. Se ela teve alguém pra quem contar a história dela.

13

Isto aqui mal é uma história. Quis oferecer porque, apesar dos documentos e dos nomes registrados em cartório, apesar dos calendários, a maior parte das vidas desaparece como se nunca tivesse aparecido. Enquanto escrevo, mais de 200 mil pessoas morreram de covid-19 no Brasil. Imagino que daqui a muitos anos a gente ainda tente imaginar o que foi essa epidemia, assim como hoje, adulto e com carga viral indetectável, tento imaginar o que foram os anos 80 e 90 do fim do século passado. Na margem dos fatos históricos, mas atravessada o tempo todo por eles e por aqueles que os controlam, a maior parte das pessoas vive e morre sem ter muitas portas por onde entrar – mas vai até o fim, corredor estreito, e encontra, enfim, a porta de sair.